



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1
jan-jul.2025
p. 42-55

(Não) monogamias e imaginários: a elaboração das emoções em tramas verbovisuais

((Non-) monogamies and imaginaries: the elaboration of emotions in verb-visual plots)

((No) monogamias e imaginarios: la elaboración de las emociones en tramas verbovisuales)

Ítalo Vinícius Gonçalves¹

RESUMO: Oferecer uma linguagem às emoções que sentimos é possibilitar o vislumbamento de contornos antes despercebidos e, também, oferecer a chance de contarmos a nós mesmos aquilo que primeiro conhecemos com o corpo. Aqui, parto do pressuposto de que nossos afetos são, também, o resultado de tramas verbovisuais: redes tecidas por imagens, discursos, valores, práticas e imaginários. Viso, com este ensaio, pensar algumas dessas imagéticas que nos coconstituem como sujeitos socialmente localizados e representados, instruídos por uma pedagogia afetiva monogamicamente orientada, bem como visualmente disposta. Mobilizando o conceito de “imagem”, proposto por Gonzalo Abril (2012), me pergunto de que forma suas três dimensões visuais – material, imaginária e mirada – podem nos ajudar a refletir sobre o modo como as não monogamias atuam enquanto sensibilidades de reparentalização com o mundo e reelaboração emocional, traçando outras maneiras possíveis de habitação.

PALAVRAS-CHAVE: não monogamia; emoções; imagem; imaginário; verbovisualidades.

Abstract: Providing language to the emotions we feel allows us to glimpse contours that were previously unnoticed and also gives us the opportunity to narrate to ourselves what we first came to know through our bodies. Here, I assume that our affections are also the result of verbovisual plots: networks woven by images, discourses, values, practices, and imaginaries. With this essay, I aim to reflect on some of these images that coconstitute us as socially located and represented subjects, guided by an affective pedagogy monogamously oriented, as well as visually arranged. Mobilizing the concept of “image”, proposed by Gonzalo Abril (2012), I wonder how its three visual dimensions – material, imaginary, and gaze – can help us reflect on how non-monogamies act as sensitivities of reparentalization with the world and emotional re-elaboration, outlining other possible ways of inhabiting.

Keywords: non-monogamy; emotions; image; imaginary; verbovisualities.

Resumen: Darle un lenguaje a las emociones que sentimos nos permite vislumbrar contornos que antes pasaban desapercibidos y, además, nos brinda la oportunidad de narrarnos a nosotros mismos lo que primero conocimos con el cuerpo. Aquí, parto del supuesto de que nuestros afectos son también el resultado de tramas verbovisuales: redes tejidas por imágenes, discursos, valores, prácticas e imaginarios. Con este ensayo, pretendo reflexionar sobre algunas de estas imágenes que nos coconstituyen como sujetos socialmente ubicados y representados, guiados por una pedagogía afectiva monogámicamente orientada, así como visualmente dispuesta. Movilizando el concepto de “imagen”, propuesto por Gonzalo Abril (2012), me pregunto de qué manera sus tres dimensiones visuales – material, imaginaria y mirada – pueden ayudarnos a reflexionar sobre cómo las no monogamias actúan como sensibilidades de reparentalización con el mundo y reelaboración emocional, trazando otras formas posibles de habitación.

Palabras clave: no monogamia; emociones; imagen; imaginario; verbovisualidades.

¹ Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, Graduando em Letras, mestre em Comunicação e graduado em Antropologia Social, todos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: italovini@rocketmail.com



1 Introdução

Do outro lado do balcão, três pessoas sentadas conversando. Duas, para ser mais justo. Você e seu amigo, que saíram para beber, agora se encontram, às quatro da manhã, em um bar, tentando adivinhar o que essas três pessoas são umas para as outras. “*Essa está difícil*”. Duas delas, com fenótipos asiáticos, trocam palavras e olhares. Sorrisos também. O terceiro, de canto, um homem branco, apenas observa e tenta acompanhá-los, mas parece achar tudo aquilo um tanto enfadonho. Todos eles aparentam estar na mesma faixa etária, mas não na mesma zona de intimidade. A mulher, entre os dois homens, parece estar em algum tipo de situação inusitada, mas demonstra, ainda assim, uma satisfação genuína por aquele evento. Ao mesmo tempo que ri e responde positivamente ao moço que compartilha uma aparente origem comum, também se mostra desconcertada, algo lhe escapa, mas algo parece também encontrá-la. Seu amigo arrisca um palpite: a mulher asiática e o homem branco seriam um casal, o outro se trataria do irmão da jovem. Você vai por um caminho distinto: o casal seria, na verdade, os dois asiáticos, e o homem branco, algum amigo americano. No entanto, eles nem estão falando com ele... que tenta driblar, a todo momento, o aparente desconforto do encontro, protagonizado mesmo, sem dúvidas, pelos outros dois. Vez ou outra, a mulher dirige a ele alguma expressão, um tipo de *feedback*, ainda que mínimo. Surge a hipótese de um casal de turistas ao lado de seu guia, mas o fato de estarem em um bar, bebendo às quatro da manhã, parece não colaborar. Só colegas de estudos, então? Você admite não ser capaz de imaginar.

Past Lives, dirigido por Celine Song, lançado em 2023 e com distribuição da A24, incita-nos, em sua cena de abertura, a adivinhar o que três jovens adultos seriam uns para os outros. Nesse jogo, em que o espectador assume o lugar do casal de observadores situados do lado oposto ao trio, fica evidente como as normas de gênero, sexo, sexualidade, etnia e geração não apenas regulam as possibilidades de nossa imaginação, mas também de enxergarmos vinculações afetivas e sociais que não aquelas comumente esperadas em histórias de amor. Afinal, o amor, transformado em romance, parece ganhar uma existência teleologicamente imaginada e organizada, seja no cinema ou na vida. Torna-se, socialmente, portanto, uma narrativa (Hardy; Easton, 2019, p. 190).

Proponho-me, neste ensaio, a pensar algumas imagens e imaginários que nos constituem enquanto sujeitos socialmente localizados e representados, instruídos por uma certa disciplina do amor, uma gramática afetiva (Porto, 2022) que organiza e dispõe logicamente as maneiras e os sentidos sobre aquilo que sentimos. Imagens que, pedagogicamente, cumprem uma função de construir e regular as possibilidades de nossa habitação no e com o mundo, e que, da mesma forma, circunscrevem aquilo que somos e podemos ser, o que sentimos e podemos sentir, fazendo dos



afetos também um campo de atuação. Pretendo, aqui, falar sobre imagens e imaginários que, desde a minha “entrada” no mundo não mono, têm me levado a alguns lugares de reflexão, e também me posicionado em circuitos de desejos atravessados e compostos por esse fenômeno. São cenas – porque sempre enquadradas narrativamente – de qualidades e origens diversas: minhas, biográficas, midiáticas, materiais, multitemporais, sociais, de vários outros. A verdade é que este texto é um nó. Um ponto de concatenação de experiências individuais e sociais muito dispersas, e não poderia ser diferente, já que são pelos encontros que nos construímos e, a partir deles, vislumbramos novos possíveis. Minha intenção, aqui, é me aproximar das não monogamias pela via imagética, por meio de textualidades verbovisuais (Abril, 2012): redes engendradas através de associações entre imagens, discursos, valores, práticas, imaginários, vínculos, formas de pertencimento; mas também por emaranhados socioculturais, políticos, científicos, religiosos, técnicos, entre outros.

Ao falar de via imagética, mobilizo não apenas a noção de “texto verbovisual” de Gonzalo Abril (2012), mas também e, principalmente, a de “imagem”, tal qual proposto pelo mesmo autor. Se um texto se refere a “qualquer unidade de comunicação sustentada por uma prática discursiva e inserida em redes textuais” (Abril, 2012, p. 16), a imagem, também enquanto um texto, é entendida nesse caso a partir de três domínios coconstituintes: no primeiro, como aquela derivada de uma fonte visual, simultaneamente da ordem do visto, mas, também, do encoberto, invisibilizado, opaco, simulado; no segundo, temos a imagem enquanto imaginário, porção indissociável no processo de composição de nossas representações sociais, cujas associações são mais ou menos visíveis, a depender dos atores que as mobilizam, bem como da qualidade de suas apropriações; o último diz respeito à sua dimensão de “mirada”: ao mesmo tempo que as vemos, somos, por elas, olhados de volta.

2 Representações

É inquestionável como as não monogamias carecem, e muito, de novas formas de representação social. *“Para o homem, a não monogamia é um fato assegurado”*. *“Eles viviam um relacionamento aberto, o problema é que um deles não sabia”*. Ambas as frases são entendimentos que escuto com frequência, até mesmo e, principalmente, de pessoas críticas à própria compulsoriedade da estrutura monogâmica. São frases que continuam reverberando como fatos sólidos de uma suposta realidade não mono, de uma não monogamia imaginada como equivalente à traição, como se não monogamias não tivessem nada a ver com compromisso, consensualidade, respeito, mas, ao contrário, com ensimesmamento, egoísmo e indiscutibilidade. São discursos assim possíveis devido a um certo quadro referencial que não apenas permite imaginarmos tal



associação, entre a figura masculina e a possibilidade irrestrita de seu gozo, mas que a naturaliza de maneira incontestável.

Assim como nos apontam várias das movimentações políticas raciais, feministas, de populações originárias, de pessoas LGBTQIAPN⁺², neurodivergentes, de pessoas com deficiência, dentre tantas outras, a representatividade importa na medida em que atua no campo da possibilidade, na construção ou na visibilização de novas realidades corpórea e subjetivamente implicadas. Assim, se Pilão (2017) demonstrou em sua etnografia, junto a grupos não mono, críticas dirigidas a personagens de grande visibilidade socialmente associados à não monogamia, como o personagem Cadinho, de *Avenida Brasil* (2012), que vivia uma relação concomitante, porém nada consensual, com três mulheres da trama, pouco avançamos, se é que avançamos, mesmo com uma expansão visível e considerável do tema nos últimos anos.

O caráter acirrado desse conflito, marcado por intensas disputas em torno dos conceitos de não monogamia – e, conseqüentemente, de monogamia –, mostra-nos a constituição de uma arena política atravessada por representações e imaginários multissituados. Lugares em que diferentes atores políticos, ao mobilizarem diferentes recursos e lugares de fala, instauram maneiras diversas de aproximação ao fenômeno. As possíveis disjunções provocadas não apenas pelos diferentes referenciais acionados, mas também pelas próprias limitações relativas ao alcance, ao modo de apresentação, ao compartilhamento e ao engajamento através das plataformas usadas para a veiculação de tais textualidades, ações políticas e representatividades têm acarretado um considerável “desentendimento” acerca do assunto, aqui pensado nos termos de Rancière (1996). A noção, tal como posta pelo autor, aponta não apenas um mal-entendido, mas uma disputa sobre aquilo que se diz, cuja distância entre a palavra e a coisa é posta a julgamento, visando não somente uma reivindicação semântica, mas, sobretudo, um tensionamento quanto à situação daqueles que as falam, o lócus no qual tal palavra é encarnada, acarretando uma revisão quanto à atribuição ao direito de fala.

Mesmo se nos apegarmos a produções desenvolvidas em torno de narrativas não mono, continuaremos cercados(as) por estereótipos e limitações ao fenômeno. É como se não fosse possível abordar a questão sem que ela deságue em uma rotina de brigas, abandono, hierarquização dos afetos, objetificação – feminina, sobretudo –, retenções, preconceitos, busca por uma simetria relacional, protagonismo do ciúme, familiarização das relações, dentre outros pontos atrelados à centralização do casal e ao reenquadramento autocentrado e individualista das relações românticas

2 Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e muito mais.



nesse contexto. Enclausuramentos também recorrentes nas próprias pesquisas desenvolvidas no ambiente acadêmico, como apontado por Vasallo (2022).

No entanto, algo me ocorreu assim que terminei de assistir, lá em 2022, a série *Grace and Frankie*, produzida pela Netflix. À medida que a estória foi chegando ao fim, comecei a me dar conta de que, se antes, muitas outras séries, filmes e personagens vinham primeiro em minha cabeça quando recomendações não mono me eram solicitadas por terceiros, agora, me parecia que o vínculo desenvolvido pelas duas amigas durante as seis temporadas da série me apontavam muito mais para um cenário de gestão não monogâmica dos afetos que os outrora pensados: a significância do amor cultivado nos espaços de amizade, a abolição da competição feminina em torno de um afeto, o comprometimento implicado na decisão de caminhar juntas, o acolhimento às transformações e às sazonalidades da existência (Núñez, 2023), a descentralização da saúde afetiva, a possibilidade de imaginar e construir outros vínculos possíveis com esse outro – outra, no caso – inicialmente temido, entre outros. Bem, isso se enxergamos as não monogamias não como algo restrito ao campo sexo-afetivo, mas, sobretudo, como um modo de vida, cujas implicações apontam para um exercício de elaboração tentacular (Haraway, 2022) de nossa existência enquanto seres relacionais, ou seja, de itinerários e trânsitos afetivos organizados por valores, espaços e temporalidades capilarizadas em arranjos multissituados. Tal movimento me fez perceber que eu só havia pensado em produções “explicitamente não mono” até então feitas a partir de uma promessa narrativa de representatividade, tal como *You Me Her*, *Aline*³, *Trigonometry*, *Wanderlust*, ou episódios da série *Easy*, porque eu continuava me orientando pela imagem do trisal – e suas variações de ordem numérica –, porque eu continuava mantendo o mesmo imaginário social atrelado às não monogamias, aquele cuja representatividade mais direta se centraliza na figura do casal, da relação romântica – convertida não monogamicamente – e, de forma mais popular, numa estrutura triádica – quando não num cenário orgiástico, algo que sabemos ser, ainda, bastante comum, o que também não seria necessariamente um problema em si.

Desde então, comecei a pensar comigo mesmo, e imaginar-praticar junto de muitos outros e outras, a importância de construirmos e nos movimentarmos através de novas imagens que também pudessem nos dizer a respeito daquilo que acreditamos acerca das vivências não monogâmicas que queremos. Que tal se pensássemos em novas formas de habitação e relação emancipadamente à figura do casal/trisal? Das relações romanticamente orientadas?

3 A despeito do que disse sobre os estereótipos que continuam povoando as narrativas não monogâmicas visibilizadas em séries, filmes, livros, dentre outros, é preciso reconhecer um conjunto de questões bastante interessantes e singulares quando nos deparamos com *Aline*, *Wanderlust* e *Trigonometry*, embora elas também se encaixem – e por isso colocadas junto aos demais exemplos – num tipo de história ainda muito centrada na figura do casal/trisal.



Se pensássemos em não monogâmias constituídas por vínculos de amizade⁴ e de coalizão, firmadas pelo compromisso de imaginar um mundo cujo movimento estivesse corporalmente, subjetivamente e relacionalmente implicado? Relações essas capazes de romper as premissas de tempo, espaço e filiação condicionantes de nossos imaginários acerca do amor idealizado e de suas possibilidades relacionais. Nesse processo, lembrando-me, também, da sugestão de Vasallo (2022) de analisarmos a saúde relacional de nossas redes poliafetivas, tentando compreender que tipo de não monogamia estaria realmente sendo colocada em exercício, tomando como ponto de referência não o casal, mas o tipo de comprometimento estabelecido pelos próprios meta-amores⁵. Por essa via, conseguiríamos perceber o cultivo em rede do amor, do cuidado, da comunicação, da habilidade de se responsabilizar coletivamente pelas nossas dores e alegrias, tentando trabalhar e aprender com o trânsito de nossas emoções e associações.

3 Ameaças

“Eu não conseguiria”, “se é pra ser assim, eu prefiro estar solteira”, declarações bastante recorrentes para nós, pessoas não mono. Afirmações certamente assentadas em uma ideia de que vínculos sexo-afetivos não exclusivos demarcam um outro tipo de envolvimento que não um relacionamento de fato comprometido, companheiro, cuidadoso. Apontamentos que, no fundo – ou nem tão no fundo assim –, dizem-nos que “multiplicidade é descuido” (Vasallo, 2022, p. 57). Tais interjeições sempre me levam a muitas questões. Por que seria um desrespeito ao próprio sujeito lidar com o desejo do(a) outro(a)? Por que essa possibilidade se coloca como um tipo de violência a mim e ao relacionamento que venho construindo ao lado daqueles que escolho caminhar? O que esse ou essa outro(a) me traria como verdadeira ameaça? Afinal, lidar com esse possível não eu é, no fim das contas, voltarmos a nós mesmas, lidar com aquele e aquela que nos imaginamos ser frente a um(a) outro(a) que nos demanda explorar zonas de opacidade que sustentam os nossos desejos e, principalmente, incertezas quanto àquilo que somos e poderíamos ser – mas não é esse o sabor de nos relacionarmos? Que relações queremos, então, que não aquelas provocativas quanto ao nosso estado de ser? Esse estado transitório porque inacabado e situacional e relacionalmente implicado. Se ser amado(a) é uma questão de se sentir seguro(a) no mundo, o mínimo que seja, a exclusividade não tem cumprido tal garantia. Teríamos uma maior chance de aumentarmos nosso nível de acolhimento se aprendêssemos a capacidade de “emaranhar” (Haraway, 2022), construir

4 Um texto divulgado na plataforma Medium – e posteriormente publicado no *site* da Editora Elefante –, intitulado “O que a não-monogamia tem a ver com as amizades?”, de 2020, foi muito compartilhado, na época do seu lançamento, por grupos e redes de amigos próximos. Por isso, deixo, também, minha lembrança a ele aqui. Ver em: [https://medium.com/@maribastos/o-que-a-nao-mono gamia-tem-a-ver-com-as-amizades-84695e92feda](https://medium.com/@maribastos/o-que-a-nao-mono-gamia-tem-a-ver-com-as-amizades-84695e92feda).

5 Denominação dada àqueles que se relacionam sexo-afetivamente com uma pessoa comum.



redes relacionais tecidas por temporalidades, espacialidades e territorialidades afetivas distintas, aprendendo a estarmos implicados(as) em diferentes movimentos, relações e percursos vinculados a multiformes zonas de existência. Zonas que são, afinal, índices de nossas subjetividades, dos vários “eus” que fomos e somos, que experimentam o mundo a partir de tempos, espaços e afetos mais ou menos contingentes, e que, por isso mesmo, teriam um maior potencial de nos acolher em nossas multiplicidades.

Nenhuma dessas afirmativas, contudo, me causa mais estranheza e inquietação comparada à também clássica “*eu não conseguiria imaginar o meu parceiro ficando com outra*”. A bem verdade é que, quando ouço tal alegação, me sinto um extraterrestre. “*Que tipo de pessoa sou eu, então, que não apenas consegue imaginar esse tipo de coisa, mas, além disso, sentir muito prazer com ela?*”, logo penso. Entretanto, em contrapartida, também penso que “*bem, alguns não monogâmicos que eu conheço também não conseguem!*”. Etnografias de grupos e pessoas não mono estão repletas de acordos assim. Minhas questões permanecem. Talvez, até de modo mais persistente, dado o cenário propício para a experimentação desse contato e, principalmente, para imaginar e sentir quem eu seria nesse caso, o que meu corpo, meus sentidos, o tempo que me atravessa me indicariam sobre mim mesmo, sobre as emoções que sou capaz ou não de elaborar. Será que elas viriam etiquetadas, com um nome já conhecido? Ou estariam fora do dicionário? Seriam equiparáveis às de outras pessoas? Como eu as contaria para mim mesmo? E para os demais? Para o meu ou a minha companheira? Para os e as possíveis companheiros e companheiras dele ou dela? Se assim me questiono, o faço num movimento contrário ao da desimaginação promovida pela compulsoriedade monogâmica, que atua na desertificação de nosso pensamento, fazendo do ser territórios de monocultura (Núñez, 2023).

A questão mais pungente, talvez, no entanto, refere-se à impossibilidade, ou à incapacidade, de imaginar quaisquer alianças com esse(a) outro(a), mesmo ainda sem rosto, sem nome, sem corpo. O imperativo da exclusividade desativa nossa disponibilidade de nos vermos implicados uns aos(as) outros(as), de tratarmos nossas carências, demandas e inseguranças como algo que deve ser de responsabilidade comum. O restritivismo compulsoriamente monogâmico é apenas alimento de um sistema que necessita da fragilidade e do medo individualmente vivido, egocentricamente resguardado.

Além disso, se há no horizonte a manutenção de um eu conscientemente vulnerável à ideia da presença de mais um alguém – seja lá a qualidade dessa presença –, sempre me perguntei o porquê da ausência da imagem contrária, já que, nesse repertório imaginativo, o “*eu não consigo me imaginar beijando outra*” não é tão comum assim. Eu, pelo menos, nunca o ouvi. A questão



monogâmica, relativa às fronteiras da alteridade, como bem pontuado por Núñez (2023), coloca-se, desse modo, como um exercício de gestão do(a) outro(a), mas, em contrapartida, muito pouco em relação a exercícios cabíveis sobre si mesmo.

Por outro lado, também não conseguiria deixar de mencionar outra situação nada incomum: a ideia de que o vivenciamento concomitante dos vínculos sexo-afetivos por casais não monogâmicos deva ser submetido a uma gestão simétrica da presença. Se, para pessoas monogâmicas – ou, pelo menos, para grande parte delas, a nível discursivo, sobretudo, já que não estamos analisando, aqui, realmente o seu desejo, mas aquilo que costumam afirmar –, imaginar seu ou sua parceiro(a) trocando carícias com outras pessoas se apresentaria como algo potencialmente perturbador, ouvi, durante algumas entrevistas realizadas durante a minha pesquisa de mestrado (Gonçalves, 2022), junto de casais *gays* à procura de novos amores, que, pelo menos até aquele momento, parecia ser indispensável a presença de todos os envolvidos em momentos de envolvimento sexual. A alegação era curiosa: evitar possíveis ciúmes. A origem de tal entendimento: narrativas de trisais encontradas na internet, particularmente no Youtube. Orientações que acabavam servindo como um tipo de letramento afetivo poliamoroso, dirigido, principalmente, aos interessados, mas ainda “não iniciados”. No fim, a ausência, essa incompletude encarnada, sempre achará um meio de se metamorfosear. Uma metamorfose que assume os contornos de nossos medos para aqueles que ainda estão aprendendo a emaranhar.

4 Alianças

Tive, na minha primeira experiência romântica não mono, a sorte de estar acompanhado de duas outras pessoas, também marinheiras de primeira viagem, que se dedicaram, e muito, para entender as responsabilidades implicadas nas dinâmicas relacionais que vínhamos construindo até então. Foi um trabalho que, embora muito prazeroso e gratificante, exigia-nos todo um espectro de cuidados no acolhimento às variadas vulnerabilidades decorrentes da posição ocupada por cada um no vínculo que não apenas se construía, mas também se imaginava. Isso porque muitas das aflições presentes em nossas rotinas sequer estavam verbalmente disponíveis para manuseio. Will, com quem comecei a namorar após dois anos de relacionamento livre com André, buscava maneiras práticas de compreender suas emoções frente àquele outro que nem ao menos sabia como nomear – eu e André já nem estávamos mais juntos quando descobri a noção de “meta-amor”. A impossibilidade de colocar sua relação com André em palavras o assustava. Biólogo de formação, tinha apreço à taxonomia das coisas. Era assim que gostava de encarar a vida, bem como a si mesmo. Imaginar um nome e, junto a ele, quais os comportamentos, os valores, os sentimentos



e as expectativas possíveis e legítimas de serem nutridas por André tomaram-lhe um tempo considerável. Nunca havia imaginado a possibilidade de estar comprometido a alguém por meio de um vínculo de tal qualidade. Por isso, o que cabia ou não sentir por André? Por quê? Como? Bem, o desconhecimento de uma gramática disponível que lhe auxiliasse – e eu, conhecendo Will como o conheço, não acho que “meta-amor” seria ainda o suficiente para amenizar sua inquietação – tomou os seus corpos, seu e de André, como um recurso de entendimento. A partir de uma gestão da presença, do cuidado, da atenção, Will pouco a pouco conseguia vislumbrar os contornos de sua relação com aquele que passara a ocupar um lugar de tamanha importância em sua vida. Se “[...] o sistema monogâmico dita como, quando, para quem e de que maneira amar e desejar, assim como quais circunstâncias são motivo para sentir tristeza, em quais deveríamos sentir raiva, o que nos machuca e o que não machuca” (Vasallo, 2020, p. 38), ele assim o faz devido ao controle epistêmico operado também e, sobretudo, no campo da linguagem. Por isso, a elaboração dos sentidos construídos em torno de seu relacionamento com André fazia do corpo um locus de construção do real. Terreno que, mesmo comunicativamente opaco, produzia presenças incontornáveis.

As não monogamias, enquanto projeto político contranarrativo – das diversas narrativas hegemônicas que nos domesticam –, reivindicam, portanto, outros modos de afirmar a vida. Corpo, afeto e palavra são as matérias-primas de sua ação. Não por acaso, boa parte das estratégias de reimaginação do mundo convocadas pelos movimentos não mono atuam diretamente sobre a linguagem: “poliamor”, “amor livre”, “relacionamento aberto”, “*swing*”, “anarquia relacional”, “relação em ‘v’”, “meta-amor”, “compersão”, “polifidelidade”; são, assim, formas de expressar novos tipos de relações com a vida, vidas que certamente ultrapassam tais definições, mas que encontram nelas possibilidades de reconhecimento, ordem e legitimidade social. As não monogamias, dessa forma, também operam enquanto um exercício linguístico, de composição de formas outras de existência, a partir de expressões que tentam visibilizar afetos e emoções que, no campo social hegemônico, não têm espaço para a sua manifestação. O trabalho de expressão emocional executado por tais agentes expõe, assim, a centralidade das emoções e dos afetos na própria possibilidade de enunciação e imaginação do mundo, uma vez que “[...] os conceitos de emoção implicam negociações sobre a definição da situação e sobre vários aspectos da vida social, devendo ser vistos como elementos de práticas ideológicas locais” (Rezende; Coelho, 2010, p. 15).

Voltamos ao início. Que alianças estamos dispostos a fazer? Quais sequer imaginamos ser possíveis? Nesses quase dez anos de vivenciamentos não mono, tenho me convencido, cada vez mais, que apenas conseguiremos manter uma saúde emocional mais saudável se reaprendermos a



construir vínculos outros, para além daqueles fornecidos pelo repertório da monogamia. Outros, aqui, não enquanto uma questão de quantidade, mas de qualidade, e digo em reaprendizado por lembrar dos tempos de infância. Tempos cuja vida era repleta de vínculos também inomináveis, mas nem por isso carentes de amor e significado; construída de relacionalidades não teleológicas, marcadas, então, pela espontaneidade de suas dinâmicas, respeito e carinho às descontinuidades, à presença, ao aqui e ao agora. Nesse processo, reaprender a brincar como gesto ético de relação consigo e com o mundo, com o outro. “Eu não quero ficar rica, e nem quero me armar. Eu quero chá de espírito e saúde pra brincar”, canta Juliana Linhares (2021). Brincar com o outro, no sentido de (re)aprender outras formas de expressão e criatividade afetivas, degustar a companhia de outros tão plurais, testemunhar a qualidade de um prazer construído de modo coletivo, desfrutar a beleza do presente e da dádiva de estar presente, fazer do corpo um lugar de imaginação e afirmação e da mistura, uma política, habitar territórios existenciais sustentados por encantamento e mobilidade – de ser, de estar, de pertencer –, existir como devir. Momento em que sentimos que cada relação tem seu modo próprio de existência, e que não há nenhum problema nisso, já que a vida é experimentação. Brincar, portanto, como uma prática da existência calcada na lógica da “mútua inclusão” (Massumi, 2017, p. 128): atuar sobre o mundo em companhia, fazer de cada ligação uma possibilidade prática, imaginativa e performativa; um “gesto enativo⁶ de dupla desterritorialização”: à medida que me associo e produzo um mundo com o outro, desterritorializo aquele cuja situação anterior me precedia de modo aparentemente pronto e naturalizado.

Encaminhando-me para o fim, não posso deixar de pensar como as vivências de pessoas LGBTQIAPN+, estando situadas às margens da vida social, tendem a convocar outros sentidos para aquilo que chamamos de “habitação”. Essa noção, pensada, aqui, com base nos escritos de Donna Haraway (2021, 2022), entendida como a tessitura de parentescos com o mundo, com a vida. O aprendizado, a elaboração e a instauração de vínculos e alianças que nos possibilitam construir outros sentidos para aquilo que chamamos de amor e entendemos como “ser pertencentes”, e cujos modos de implicação interessam para todes que vêm construindo e (re)afirmando a potência de gestos disruptivos tecidos por sensibilidades não monogâmicas.

Quando me propus a falar sobre o assunto, pensar nas possíveis articulações entre os movimentos LGBTQIAPN+ e as não monogamias, como parte das atividades planejadas para o I

6 O uso do termo “enativo” evoca a ideia do deslocamento exercido por um ente ao incorporar-se em um dado movimento ou atividade.



Seminário Nacional de Estudos em Não-Monogamias⁷, fiquei apreensivo com a responsabilidade de falar de realidades tão amplas associadas a outros movimentos políticos afetivos também compostos por imensidades de questões teóricas e práticas. Encontrei um possível caminho quando meu pensamento se voltou à imagem da casa – a última que mobilizarei, aqui, como recurso teórico. Se seria impossível traçar as singularidades de todas as vivências desses grupos com as não monogamias, tão difícil quanto é pensar em algo que as aproxime dessa discussão, de modo mais ou menos plausível, a partir de um possível denominador comum. A casa, nesse sentido, pareceu-me um bom operador por diversos motivos: desde um lugar onde tempo e afeto nos produzem enquanto pessoas assujeitadas à disputa política e imaginária que tem sido travada acerca de sua constituição.

DaMatta (1985), em seu clássico *A casa & a rua*, distingue o espaço público como o lugar do sujo, da desordem, do perigo e da desproteção frente ao acolhimento, à proteção, à ordem e ao cuidado supostamente identificados no ambiente doméstico. Por algum tempo, o argumento de DaMatta prevaleceu. Porém, só um homem hétero, branco e cis poderia fazer tais formulações. Para todos e todas aqueles(as) dissidentes quanto à gênero e à sexualidade, ou mesmo em condição de minoria política, como no caso das mulheres, a casa, como sabemos, poucas vezes se apresenta como um lugar de proteção, acolhimento, cuidado. Mesmo em escalas menores, nas quais corpo e afetividade não apresentam grandes situações de “desajuste”, ainda assim testemunhamos, via de regra, a casa como um lugar de redes disfuncionais (hooks, 2020). Por isso, é comum que pessoas LGBTQIAPN+, sobretudo em contextos de desproteção familiar e domiciliar, passem por um processo de (re)aprendizado quanto à produção de novos parentescos. Filiações que vão muito além daqueles geridos pelo sangue. São nas comunidades, nos guetos, nas encruzilhadas, no *vogue*, em territórios marginais constituídos pelo prazer e em tantos outros espaços comunitários que tais populações encontram meios e oportunidades de se potencializar, criar raízes, pertencer.

São inúmeros os desacordos e as dificuldades vivenciadas por pessoas localizadas nesses grupos ao se aproximarem das não monogamias. Afinal, como lidar com as diferenças sem que elas se estabeleçam em termos de hierarquização afetiva quando, desde cedo, tantos lugares da diferença

7 Realizado em agosto de 2023 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp) e no Centro Cultural da Diversidade (CCD), ambos localizados na capital paulista. Coordenado pelo grupo Políticas, Afetos e Sexualidades Não-Monogâmicas, vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e do qual faço parte, o evento teve como objetivo apresentar os percursos de pesquisa de alguns dos principais pesquisadores do tema no Brasil, bem como apontar em que medida esse fenômeno se constituiu em contexto brasileiro, dado os movimentos políticos construídos em prol dessa temática, suas representações e seus aspectos práticos, circunscritos etnograficamente. Foi o primeiro evento acadêmico, institucionalizado e em âmbito nacional totalmente dedicado ao tema; assim, queríamos mobilizar o assunto tentando entender quais as principais questões e demandas relativas a essa conversa, tendo em mente a necessidade de uma abordagem introdutória naquele momento, considerando, também, a heterogeneidade daqueles que nos assistiam. Para mais informações sobre o grupo de pesquisa, acessar o *site*: <https://estudosnaomono.wordpress.com>.



acabaram lhes sendo impostos? A monogamia se torna, portanto, um tipo de ideal em que nossos medos estariam afugentados, um lugar onde poderíamos nos resguardar quanto à validade de nossa existência, seja pelo outro com quem pretendemos nos relacionar romanticamente ou pelo social que nos enxerga, ou melhor, nos adjetiva. A monogamia, para nós, pessoas tão vulnerabilizadas, coloca-se como esse suposto lugar da conquista, da equiparação.

Contudo, nós, LGBTQIAPN+, desde cedo, aprendemos a ser seres em devir; pessoas que precisam constantemente encarar a necessidade do manejo entre vida pública e privada; que precisam regular as várias distâncias dentro de si mesmas entre aquilo que são, que deveriam ser, as incertezas sobre o porquê o deveriam e do porquê de tais expectativas. Subjetividades, portanto, constituídas por um constante trânsito, deslocamento, negociação, opacidade, sobreposição. Móveis não por opção, mas pelo repertório de experiências possíveis às quais estamos submetidos culturalmente. Experiências organizadas por uma série de mecanismos sociais que regulam as possibilidades de nosso vir a ser e estar-no-mundo, que dispõem as opções para corpos e afetos como os nossos. A experiência, a qual permite à pessoa um enquadramento de sua trajetória biográfica dentro de um quadro cultural cujas possibilidades de entendimento estão dispostas (Scott, 1999), visibiliza, assim, quais instrumentos e imaginários sociais são esses que viabilizam indivíduos e grupos sociais narrarem-se enquanto tais.

Logo, se a casa simboliza esse lugar onde aprendemos a ser e estar-no-mundo, a partir do trânsito e da gestão de nossas fractalidades, ser uma pessoa vinculada às não monogamias também é tomar como tarefa a elaboração desse sentido de si. De tentar entender a razão pela qual sentimos o que sentimos, o porquê deveríamos sentir de um outro jeito, de onde vem as expectativas do que sentimos, e como elas podem encontrar meios saudáveis de existência. São afetos cuja sensibilidade *queer* de seus itinerários provocam e estabelecem o deslocamento como ética de vida. Uma vida em que o devir deixa de ser uma ameaça ao se tornar um modo ético de “cultivar condições de persistência” e a capacidade de produção de “respons-habilidade”, ou seja, a habilidade de reconhecermos responsabilidades, comprometimentos, e também de traçarmos estratégias de resposta àquilo sobre o qual reivindicamos pertencas (Haraway, 2022). Vivências não monogâmicas e de sujeitos LGBTQIAPN+, ao compartilharem um tipo de existência habitada por parentescos outros que aqueles da família consanguínea, mostram-nos que amar verdadeira e conscientemente é, principalmente, aprender a honrar as diferenças (Haraway, 2021) e fazer delas novas possibilidades.



5 Considerações finais

Neste ensaio, ao evocar algumas imagens e imaginários, pretendi discutir como a elaboração, a gestão e a experiencição de nossas emoções estão imbricadas em determinadas tramas visuais, tecidas verbovisualmente por valores, moralidades e representatividades de nossa cultura, bem como por uma pedagogia afetiva monogamicamente estabelecida. Ao apontar os imaginários relativos à masculinidade, à representação midiática não mono, à figura do casal/trisal, à qualidade dos vínculos afetivos dissidentes, ao exercício de linguagem e à casa – dentre outros implícitos nesses arranjos –, tentei pensar e me aproximar do fenômeno não mono conforme a noção de “imagem” proposta por Gonzalo Abril (2012): uma fonte materialmente posta e, ao mesmo tempo, coconstituída por imaginários e miradas, que marcam a forma como tais representações também dizem acerca de nossa própria habilidade de pensar e imaginar o mundo. O intuito não foi dar soluções e nem sugestões de como viver uma vida não mono, e menos ainda de uma vida ideal, mas, orientado pela ideia harawayniana de amar como honrar as diferenças, busquei pensar como podemos desenvolver a habilidade de nos envolvermos com o mundo de modo que nossas diferenças possam nos orientar a caminhos mais plurais e híbridos de vida, de cuidado, de pertencer, de amar e de ser amado.

Referências

ABRIL, Gonzalo. Tres dimensiones del texto y de la cultura visual. *IC - Revista Científica de Información y Comunicación*, Sevilla, v. 9, p. 15-35, 2012.

AVENIDA BRASIL. Direção: Amora Mautner e José Luiz Villamarim. Produção: Marcia Azevedo. Intérpretes: Débora Falabella, Adriana Esteves, Murilo Benício *et al.* Roteiro: João Emanuel Carneiro, Antonio Prata, Luciana Pessanha, Alessandro Marson, Márcia Prates e Thereza Falcão. São Paulo: TV Globo, 2012. 179 episódios (60 min).

DAMATTA, Roberto Augusto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GONÇALVES, Ítalo Vinicius. *Projetos poliamorosos em rede: narrativas de casais não monogâmicos em busca de um novo amor*. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: capitaloceno, antropoceno ou chthuluceno. In: MORRE, Jason W. (org.). *Antropoceno ou capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. Tradução: Antônio Xerxenesky e Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, 2022. p. 67-125.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HARDY, Janet; EASTON, Dossie. *Ética do amor livre: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas*. Tradução: Christiane M. T. Kokubo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.



LINHARES, Juliana. “Bombinha”. *Nordeste Ficção*, 2021.

MASSUMI, Brian. *O que os animais nos ensinam sobre política*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Paidós, 2023.

PILÃO, Antonio Cerdeira. “*Por que somente um amor?*”: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PORTO, Rhuann Lima Fernandes. “*O amor é?*”: Negritude e relações não-monogâmicas: as dimensões micropolíticas do afeto. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. *O desentendimento: política e filosofia*. Tradução: Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010. (Série Sociedade e Cultura).

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999.

VASALLO, Brigitte. *O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos*. Tradução: Mari Bastos. São Paulo: Elefante, 2022.

